

Chegada do Exército Libertador à Ponta Grossa, em 1894

RIBAS SILVEIRA

O acontecimento mais memorável que se registra na história de Ponta-Grossa, até os nossos dias, porque teve repercussão nacional, é, sem dúvida, a estadia de Gumercindo Saralva, nesta cidade, em Março de 1894. Na ausência de subsídios históricos, vamos valer-nos das reminiscências fornecidas pelo nosso progenitor, pessoa essencialmente imparcial, e, por outro lado, ligada aos castilhistas por laços de família.

A Princesa dos Campos, de modo figurado, exerceu sobre o General Gumercindo a mesma fascinação que Cleópatra impusera a Marco Antônio, nos áureos dias do império romano, retendo-o longas semanas em seus domínios. Gumercindo, o grande filho de Santa Vitória do Palmar, a urbe mais remota do sul do Brasil, foi o último paladino da Liberdade, que surgiu nas Américas, e seu nome merece figurar na galeria dos grandes heróis de nossa pátria!

Não cabe neste ligeiro artigo relatar as façanhas desse invicto guerrilheiro, que iniciou a campanha libertadora com 80 homens, apenas, e chegou a comandar 10 mil soldados, valorosos e destemidos idealistas, que percorreram mais de três mil quilômetros, combatendo e triunfando sem cessar.

Chegando à cidade da Lapa, que ofereceu gloriosa resistência durante três semanas, Gumercindo despatchou imediatamente o general Piragibe para o norte, a fim de ocupar Itararé. Este apresentou-se em Ponta Grossa à frente de 600 homens, aproximadamente, arrotando muita insolência e valentia, impondo pesados tributos aos moradores de nossa urbe. Lançou imediatamente um empréstimo de guerra, extorquindo cerca de oito contos da minguada população local. Exigiu, além disso, que cada comerciante lhe oferecesse dez barracas de campanha, dentro de 48 horas, sob pena de prisão, espancamento e saque da loja. Piragibe era trânsfuga do exército florianista, isto é, traidor da pátria.

O "vallente" general avançou até Jaguariaíva e, sabendo que as forças florianista se encontravam em Itapepinha, dali retrocedeu para Castro, onde deixou a tropa, e regressou à Lapa, a fim de reunir-se ao grosso do exército, sacrificando por sua covardia a gloriosa campanha do exército libertador!

No dia primeiro de Março, Gumercindo chegou a Ponta Grossa, chefiando um comboio tirado por vinte e duas locomotivas e com todo o material rodante da estrada de ferro, cuja linha ainda não estava pronta, a partir de Oficinas à estação, faltando socar os dormentes. Apesar disso, a composição avançou até o ponto final, inaugurando definitivamente a linha.

Toda a população da cidade compareceu à gare ferroviária a fim de apreciar o espetáculo inédito e imponente que lhe oferecia a chegada daquele enorme exército, acomodado num comboio que se estendia numa extensão de dois quilômetros, trazendo forças das três armas, grande cavalaria e

todos os apetrechos de guerra. Os clarins atroavam nos ares, num ritmo guerreiro, entre o rufo de centenas de tambores. A população respondia com vivas entusiásticos, arremegando aos céus verdadeira chuva de foguetes. Ponta Grossa contava aproximadamente quatro mil almas, disseminadas por trinta ruas e travessas, limitada ao Norte pela Praça Rio Branco e Barão do Guarauna, sendo a rua mais extensa a das Tropas, atualmente Augusto Ribas. O centro comercial esta-

va sediado na Praça da Matriz, rua Quinze de Novembro e Largo da Cadeia, sendo as lojas mais importantes a Casa Juca Pedro, à rua Santana, a Casa Vilhena, na Sete de Setembro e a Casa Estrela, no Largo da Matriz. Esta foi a única que se conservou de portas abertas, quando chegou o exército florianista, 45 dias depois, e pior do que um bando de gafanhotos... O exército libertador chegou às duas horas da tarde,

(Continua na 2.a página)